

As cartas de Amarna 249-250 e o conflito entre as cidades-Estado em Canaã*

The Amarna letters 249-250 and the conflict between city-states in Canaan

Las cartas de Amarna 249-250 y el conflicto entre las ciudades-Estado en Canaán

Agustinus Syukur**

José Ademar Kaefer***

RESUMO

As cartas de Amarna 249 e 250 mostram o conflito que havia entre as cidades-Estado de Canaã durante os reinados dos reis egípcios Amenhotep III e Amenhotep IV (Akenaton). Devido a uma crise interna, o Egito perdeu o controle sobre seus vassalos em Canaã, o que permitiu que surgisse uma revolta nesta região, inicialmente liderada por Lab'ayu, governante de Siquém, e depois por Mut-Ba'lu, um dos filhos de Lab'ayu e governante de Pella. Os rebeldes formaram uma coalizão de cidades-Estado anti-Egito para dar suporte à revolta. Mas o Egito também organizou uma coalizão pró-Egito, provavelmente liderada por Biridiya, governante de Meguido. Ba'lu-UR.SAG, autor das *EA 249 e 250* e possível governante de Rehov, encontra-se nesse meio, instigado pelos rebeldes e temeroso do Egito. O conteúdo das duas cartas, que será objeto de análise do presente artigo, ajudará a compreender melhor esse contexto.

Palavras-chave: Ba'lu-UR.SAG; Lab'ayu; Canaã; Cidade-Estado; Revolta siquemita.

ABSTRACT

The Amarna letters 249 and 250 show the conflict between the Canaan city-states during the reigns of the Egyptian kings Amenhotep III and Amenhotep IV (Akenaton). Because of internal crisis, Egypt lost the control over its vassals in Canaan, which made possible a revolt in this region, initially led by Lab'ayu, ruler of Shechem, and then by Mut-Ba'lu, one of the sons of Lab'ayu and ruler of Pella. The rebels formed an anti-Egypt coalition of city-states to support the revolt. But Egypt also organized a pro-Egypt coalition, probably led by Biridiya, ruler of Megiddo. Ba'lu-UR.SAG, author of the EA 249 and 250 and possible ruler of Rehov, finds himself in this context, instigated by the rebels and fearful of Egypt. The content of the two letters, which will be analyzed in this article, will help to better understand this context.

Keywords: Ba'lu-UR.SAG; Lab'ayu; Canaan; City-State; Shechemite revolt.

* Este artigo é parte da produção de pesquisa realizada durante o ano de 2017 pelo Grupo de Pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo”, da Universidade Metodista de São Paulo - Reg. no CNPq N° 4338921870858325.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: asyur@hotmail.com.

*** Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), coordenador do grupo de pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo” (<http://portal.metodista.br/arqueologia>). E-mail: jademarkaefer@gmail.com.

RESUMEN

Las cartas de Amarna 249 y 250 muestran el conflicto que había entre las ciudades-Estado de Canaán durante los reinados de los reyes egipcios Amenhotep III y Amenhotep IV (Akenatón). Debido a una crisis interna, Egipto perdió el control sobre sus vasallos en Canaán, lo que permitió que surgiera un levante en esta región, inicialmente liderada por Lab'ayu, gobernante de Siquén, y luego por Mut-Ba'lu, uno de los hijos de Lab'ayu y gobernante de Pella. Los rebeldes formaron una coalición de ciudades-Estado anti-Egipto para dar soporte a la revuelta. Pero Egipto también organizó una coalición pro-Egipto, probablemente liderada por Biridiya, gobernante de Meguido. Ba'lu-UR.SAG, autor de las EA 249 y 250 y posible gobernante de Rehov, se encuentra en ese medio, instigado por los rebeldes y temeroso a Egipto. El contenido de las dos cartas, que será objeto de análisis del presente artículo, ayudará a comprender mejor este contexto.

Palabras clave: Ba'lu-UR.SAG; Lab'ayu; Canaán; Ciudad-Estado; Levante de Siquén

Introdução

Quando encontradas, no final do século 19 e início do século 20 de nossa era, as cartas de Tell el-Amarna se tornaram a principal fonte de informação sobre a política com que o Egito administrava os seus reinos vassalados em Canaã, particularmente durante os reinados Amenhotep III e Amenhotep IV, também conhecido por Akenaton.

Depois da expulsão dos hicsos pela XVIII dinastia, o Egito vai, aos poucos, estabelecendo seu domínio sobre toda a região de Canaã, chegando até o Eufrates, no leste, e até o reino de Mitani, no norte. Uma das personagens que teve papel histórico no início do expansionismo egípcio foi Tutmoses I (1506-1494).¹ Mas o marco que consolidou o domínio sobre a região provavelmente tenha sido a batalha travada por Tutmosis III (1473-1425) em Meguido, fortaleza estratégica para o controle da região. Ali, Tutmosis III derrotou uma coalizão de cidades-Estado cananeias, cujos nomes foram registrados num mural do templo de Karnak, em Tebas (MAZAR, 2003, p. 234). Com o seu centro administrativo na capital Tebas², a 312 km ao sul da cidade do Cairo, a XVIII dinastia conseguiu, aos poucos, unificar o Alto e o Baixo Egito, sob uma mesma monarquia.³ O Novo Império, particularmente os anos que vão de 1580 até o final do segundo milênio a.C., foi provavelmente o tempo de maior estabilidade política e econômica na longa história do império egípcio (KAEFER, 2018, p. 125).

No plano geopolítico, os egípcios “mantiveram a estrutura das cidades-Estado cananeias estabelecidas durante o período anterior” (MAZAR, 2003,

¹ Seguimos cronologia egípcia atualizada e apresentada em: Daphna BEN-TOR (org.) **Pharaoh in Canaan: The Untold Story**, 2016, p. 15-17.

² Onde se encontra o famoso templo de Karnak, cuja estrutura, com suas imponentes colunas, está bem preservada até hoje.

³ Os reis que dominaram sobre o Alto e Baixo Egito são identificados pelo uso da dupla coroa. A branca representava o Alto Egito e a vermelha o Baixo Egito, também conhecido por Ta-Mehu, que significa “terra do papiro”.

p.237). Cada cidade-Estado era diretamente dependente dos egípcios e administrada por um governante ou um dinasta local, num sistema de vassalagem. Ainda que haja pesquisadores que afirmem que o controle egípcio fosse de forma indireta e os “pequenos reis” locais conservassem sua autonomia como servos tributários (LIVERANI, 2005, p.36-37), as cartas de Amarna revelam que havia uma submissão total ao império por parte dos vassalos. Essa submissão é bem visível na introdução às cartas, onde o vassalo sempre se apresenta com uma fórmula humilhante de prostração ao limite (MYNAROVÁ, 2005, p. 397-406).

Em Canaã, os egípcios controlavam seus territórios vassalos a partir de três centros administrativos principais: Gaza, na costa sul do mar Mediterrâneo; Jope, na costa norte do mar Mediterrâneo, que não distava muito da fortaleza de Meguido; e Betsã, na parte leste do Vale de Jezreel. Além da menção que as cartas de Amarna fazem a estes centros, a arqueologia tem encontrado farto material que comprova a presença egípcia neste período, como é o caso de Betsã, onde foram encontradas estátuas e monumentos com inscrições em hieróglifos da época dos faraós Seti I, Ramsés II e Ramses III (FINKELSTEIN – SILBERMAN, 2003, p.113-114). Ademais da organização e controle da cobrança dos tributos anuais, estes centros administrativos também exerciam o papel de guardiãs da ordem na região. Conflitos locais entre cidades-Estado ou ações de grupos rebeldes, como os ‘apirus, eram constantes. Em caso de conflitos maiores, como levantes locais, ou ameaças vindas de inimigos do norte, o contingente militar maior vinha do Egito. É o caso na revolta deflagrada na época de Seti I (1294-1279), sobre a qual foi encontrada uma estela em Betsã (MAZAR, 2003, p. 236-2377; LIVERANI, 2005, p. 38). Todos estes centros de controle ficavam junto à via comercial internacional mais importante da região, conhecida como “o caminho do mar”. Esta via cruzava todo o Vale de Jezreel, o celeiro egípcio, e ligava o Egito à Mesopotâmia e ao norte.

Na época de Amarna, no século 14 a.C (392-336), o controle egípcio em Canaã entrou em declínio. De um lado, as dificuldades internas do Egito, principalmente o conflito entre a família real e a elite sacerdotal (KAEFER, 108, p.), não permitiam a atenção necessária que exigia a política internacional. Por outro, as cidades-Estado cananeias passam a se rivalizar. Os conflitos entre cidades vizinhas pelo controle de áreas vitais para a agricultura e de vilas de camponeses intensificaram a crise. Sem mencionar o levante siquemita, que ocasionou uma forte ebulição social em quase toda Canaã, como se verá mais adiante.

As cartas de Amarna encontradas, como visto, no final do século 19 e início do século 20 em Tell el-Amarna, às margens do rio Nilo, confirmam

esta situação de crise que as cidades-Estado de Canaã passaram, em meados do século 14 a.C. Entre as 382 correspondências, uma boa parte foi enviada por vassalos cananeus. Nelas é comum ver os governantes das cidades-Estado se vangloriarem de sua fidelidade ao faraó; de se acusarem mutuamente de traição; de reivindicarem soldados para defender seus territórios; de se queixarem de ataques dos vizinhos e da falta de presença de funcionários egípcios.

Para compreender melhor este ambiente social a que nos referimos, iremos nos apoiar na análise de duas cartas em particular: as *EA 249* e *250*. Estas correspondências foram enviadas ao Egito por um governante chamado Ba'lu-UR.SAG.

Autoria e procedência das *EA 249* e *250*

O nome do autor dessas duas cartas e sua cidade capital já renderam muitas discussões entre os estudiosos. Rainey (2015, p. 1014-1015.107) sugere uma relação entre o nome sumério do autor ^{1d}*IŠK[UR.UR.SAG(?)]* e Ba'lu-meher (*EA 249:2* e *250:2*). Ele alega que a última parte desse nome *UR.SAG* significa “herói” ou “guerreiro”, o que equivale a “*meher*” na língua semita ocidental. Consequentemente, Rainey concluiu que o Ba'lu-meher, que aparece como autor das *EA 257-259*, é o mesmo personagem das *EA 249-250*.

Além de identificar Ba'lu-meher como autor dessas cartas, Rainey (1968, p.4) também afirma que a capital de seu governo é “Gitti-Padalla”. Essa afirmação se baseia na citação do próprio autor das cartas sobre a acusação que ele diz ter sofrido por parte dos filhos de Lab'ayu: “Por que você entregou a cidade de Gitti-Padalla na mão do rei, seu senhor, a cidade que Lab'ayu, nosso pai, tinha tomado?” (*EA 250: 9-14*). Baseado na lista de Sheshong, no templo de Karnak, Rainey identifica essa cidade com a vila de Jatt, localizada ao norte de Tulkarm, na planície do Sharon. Juntamente com outras cidades estrategicamente localizadas, como Taanac e Meguido, essa cidade provavelmente se manteve leal ao Egito, facilitando assim o movimento seguro do faraó da planície do Sharon para o Vale de Jezreel (RAINEY, 1968, p. 2-3).

A conclusão de Rainey nos parece equivocada, pois, se compararmos as *EA 249-250* com as *EA 257-259*, que Rainey acredita serem do mesmo autor, perceberemos que elas diferem completamente em estilo e conteúdo. Por outro lado, o nome de Ba'lu-meher foi mencionado por Biridiya, governante de Meguido, na *EA 245*. Ali, o autor dessa carta informa ao rei do Egito de que Lab'ayu foi capturado em Meguido para ser levado vivo ao Egito (*EA 245:1-14*). Contudo, Surata, governante de Aco (*EA 232*), tê-lo-ia levado de Meguido alegando conduzi-lo ao Egito por navio, mas, logo depois, o teria solto pelo pagamento de um resgate, quando foi morto (*EA 245:24-35*).

Nessa trama, além de soltar Lab'ayu, Surata também soltou Ba'lu-meher (245:41-47). No entanto, diferentemente de Lab'ayu, que foi morto logo após ser solto, provavelmente numa armadilha, Ba'lu-meher escapou com vida (EA 245:1-14). Ou seja, percebe-se, nessas citações, o indício de que o Ba'lu-meher se aliara a Lab'ayu, líder do levante siquemita, que já anexara várias cidades-Estado, inclusive a cidade de Gitti-Padalla, citada na *EA 250*. Mas, depois da morte de Lab'ayu, Ba'lu-meher volta atrás e escreve as *EA 257-259*, reafirmando sua lealdade e submissão ao rei do Egito, como se vê, por exemplo, na *EA 257:12-16*: “Como eu tenho colocado o meu pescoço no jugo que carrego, que o rei, meu senhor, saiba que eu o sirvo com plena devoção, e [...]Gmate⁴ o serve com plena devoção” (MORAN, 1992, p. 310). Nas *EA 249-250*, ao contrário (como veremos abaixo), o autor denuncia as atividades de Lab'ayu, de seus filhos e de seus aliados. Além disso, a cidade de Ba'lu-meher é chamada de [^{URU}...i]Gmate (EA 257: 12-19; Cf. MORAN, 1992, p. 310), bem diferente de Gitti-Padalla, como aparece na *EA 250:9-14*. Portanto, o autor das *EA 249-250* não pode ser o mesmo das *EA 257-259*; o conteúdo é bem diferente. Por isso, em nosso escrito manteremos o nome do autor das *EA 249-250* como sendo Ba'lu-UR.SAG, como sugerido por Moran (1992, p. 302-303).

A análise petrográfica das *EA 249-250*, feita por Goren, Finkelstein e Na'aman (2002, p. 224-226; 2004, p. 248-250), indica que essas cartas foram escritas em tabletes, cuja cerâmica provém do Vale Central do Jordão, entre Betsã e o Wadi Zarqa (Vale do Jabok bíblico). A cidade mais indicada como capital de Ba'lu-UR.SAG, segundo estes estudiosos, seria Rehov, localizada a cinco quilômetros ao sul de Betsã. Rehov é, também, palco da disputa territorial descrita na *EA 250*, pois, além de fazer fronteira com Betsã, base de defesa egípcia na desembocadura leste do Vale de Jezreel, também fazia fronteira com Pihilu (Pella), cidade capital de um dos filhos e aliados de Lab'ayu. E, ainda, Rehov também era vizinha das cidades atacadas por Lab'ayu, como Shunama (atual Sôlem), Burquna (atual Burqin) e Gittirimunima (atual Rummāna). Portanto, a localização estratégica de Rehov fazia com que a cidade capital de Ba'lu-UR.SAG fosse cobiçada pelos filhos de Lab'ayu, pois era geograficamente importante para o êxito da rebelião.

A cidade de Rehov não aparece nas cartas de el-Amarna como capital de alguma personagem importante. Mas, Rehov é mencionada na carta de Taanac (IT 2:22) e na estela de Seti I, esta encontrada em Betsã, bem próximo de Rehov. Nesta estela, Seti I relata a vitória contra uma rebelião iniciada pelo governante de Hammath e diz que “ele não permite que o go-

⁴ Rainey (2015, p. 1041) traduz por “sua cidade” sem citar o nome.

vernante de Rehov saía fora” (GOREN; FINKELSTEIN; NA’AMAN, 2002, p.226). Esta alusão faz entender que Rehov fosse a capital e uma importante cidade-Estado. Além disso, as escavações arqueológicas recentes no tel Rehov (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2007; KAEFER, 2016, p. 39-48) revelaram que, no período do Bronze Tardio, Rehov ocupava uma extensa área de 10 hectares. Ou seja, confirma que no período de Amarna, Rehov era uma das grandes cidades em Canaã.

Em síntese, queremos destacar três conclusões centrais: o autor das *EA 249-250* é Ba’lu-UR.SAG; Ba’lu-UR.SAG e Ba’lu-meher são duas personagens diferentes; de acordo com a análise petrográfica das *EA 249-250*, a localização geográfica e as descobertas arqueológicas, é bem provável que a cidade capital de Ba’lu-UR.SAG fosse Rehov; a cidade de Gitti-Padalla, mencionada na *EA 250:9-14*, provavelmente era uma cidade secundária controlada por Ba’lu-UR.SAG, e foi tomada por Lab’ayu em sua campanha pela conquista de todo o Vale de Jezreel.

O contexto das *EA 249-250*: as atividades de Lab’ayu e seus filhos

As figuras chaves das *EA 249-250*, escritas por Ba’lu-UR.SAG, são Lab’ayu, governante de Siquém, e seus dois filhos. Percebemos, também, que outras cartas de el-Amarna escritas pelos governantes de Canaã relatam sucessivamente as atividades expansivas de Lab’ayu, sua morte, e os feitos dos filhos que o sucederam. Portanto, para entendermos o conteúdo dessas duas cartas de Ba’lu-UR.SAG, será necessário entendermos o contexto das atividades de Lab’ayu e de seus dois filhos em Canaã central, especificamente no Vale de Jezreel.

Lab’ayu começou a expandir seu domínio a partir das terras altas de Siquém em todas as direções (FINKELSTEIN E NA’AMAN, 2005, p.179). Nesta atividade expansionista, ele formou uma coalizão com outros governantes de outras cidades-Estado da região, como Milkilu de Gezer; seu sogro Tagi de Ginti-Kirmil; Ba’lu-meher de Yoqne’am; Bayadi e Baduzana de Anaharath; e Mut-Ba’lu de Pihilu (Pella) e Astharoth. Essa coalizão era conhecida como “coalizão de Siquém”. Os adversários dessa coalizão também formaram uma coalizão pró-Egito, integrada por Biridiya de Meguido; Shuwardata de Gath; Ba’lu-UR.SAG de Rehov (?); ‘Abdi-Shulim de Hazor (?); ‘Abdi-Heba de Jerusalém (?); e Surata de Taanac e Aco, (NA’AMAN, 2005, p. 8; FINKELSTEIN; NA’AMAN, 2005, p. 174-179).

A coalizão de Siquém, liderada por Lab’ayu, chegou a dominar grandes áreas do centro de Canaã até Gilead, na Transjordânia. Chegou, inclusive, a controlar o comércio de parte da Estrada do Rei, que unia a Arábia à Damas-

co. Também dividiu as forças leais ao faraó em duas: aquelas localizadas no sul do eixo Siquém-Gezer, incluindo Jerusalém e Gath; e aquelas localizadas no norte, Meguido, Rehov, Achshaph, Aco e provavelmente Hazor. A coalizão de Siquém chegou a ameaçar fortemente a fortaleza egípcia de Betsã, no intuito de separá-la dos centros egípcios de Jafa e Gaza. Isso parece ter provocado fortemente a reação do Egito, reação essa que se encontra nas entrelinhas de várias cartas (EA 253:11-25; 254:6-10.19-29; 366:28-34).

Tudo indica que o grande objetivo, poder-se-ia dizer, quase o objetivo final, de Lab'ayu era a conquista e controle da grande planície do Vale de Jezreel, celeiro do império egípcio. Descendo do planalto de Siquém, Lab'ayu parece que foi conquistando aos poucos as cidades periféricas do Vale, como Yoqneam, Anaharath, Shalhuna, Taanac e Gitti-Padalla (FINKELSTEIN; NA'AMAN; 2005, p. 180; DE VAUX, 1975, p. 118; CAMPBELL, 1960, p. 19).

Quando ameaçou conquistar as fortalezas egípcias de Meguido e Betsã, talvez também Rehov, o Egito entrou em ação e organizou uma coalizão, provavelmente comandada por Biridiya, governante de Meguido. Depois de impor um longo cerco a Meguido (EA 244), Lab'ayu é preso e conduzido sob a custódia de Surata, governante de Aco, ao Egito. Contudo, parece que uma trama foi organizada que permitiu que Lab'ayu fugisse e fosse assassinado em seguida (EA 245; DE VAUX, 1975, p.119).

Mas, a morte de Lab'ayu não pôs fim à revolta siquemita, pois os filhos de Lab'ayu continuaram o sonho de liberdade do pai (EA 246; 250; 287; 289-290), em especial Mut-Ba'lu, que governava em Pella, cidade-Estado que ficava no outro lado do Jordão, já no extremo leste do Vale de Jezreel (KAEFER, 2016 p. 49-55). Parece que Mut-Ba'lu organizou ali uma resistência com o auxílio de Ayyab, governante de Astarot. Este foi procurado pelo comissário egípcio, Yanhamu, que acusou Mut-Ba'lu de mantê-lo escondido em Pella (EA 256).

Portanto, no auge do sucesso, Siquém e seus aliados reinavam sobre as terras altas da região de Siquém, parte do Vale do Jordão e parte de Gilead. Os rebeldes também exerciam uma forte pressão sobre as cidades-Estado do Vale de Jezreel, que eram leais ao governo egípcio. Chegaram, inclusive, a ameaçar as grandes fortalezas egípcias de Meguido e Betsã (EA 244; 246; 248; 250). Quando o Egito viu o controle sobre o Vale de Jezreel e consequentemente o domínio sobre Canaã ameaçado, interveio e Lab'ayu foi capturado e em seguida morto (EA 244-245; FINKELSTEIN, 2006, p. 180).

É esse contexto sociopolítico de Canaã que é o pano de fundo das EA 249 e 250, enviadas por Ba'lu-UR.SAG ao Egito.

O conteúdo das *EA 249-250*

Em geral, as cartas enviadas pelos vassallos de Canaã tratam da situação da sua cidade; de acusações entre governantes, nas quais um denuncia o outro de traição; de pedidos por reforços para a defesa de seus territórios e de queixas de ataques de grupos rebeldes, como os ‘apirus. Nesse particular, as cartas de Ba’lu-UR.SAG (*EA 249-250*) não fogem à regra.

Na abertura de suas cartas, Ba’lu-UR.SAG se apresenta como um bom vassallo submisso: “Fala ao rei, meu senhor, a mensagem de Ba’lu-UR.SAG, teu servo. Aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes tenho caído” (*EA 249: 1-4; EA 250:1-3; RAINEY, 2015, p. 1015-1017*). Esta fórmula é comum a todas as cartas dos vassallos cananeus encontradas em Tell el-Amarna. Como afirma Liverani (2014, p. 39): “O faraó era considerado um deus na terra”. No palácio encontrado em Amarna, o piso que levava à sala do trono era decorado com as pinturas de povos vencidos nas guerras, sobre os quais o faraó pisava todo o dia ao caminhar. O escabelo do trono e as próprias sandálias do faraó também eram decorados com desenhos de rebeldes presos, sobre os quais o faraó pisava quando estava de pé ou quando estava sentado. Os reis vassallos se dirigiam ao faraó como “o sol de todas as terras”, diante do qual se prostravam “sete vezes de bruços e sete vezes de costas”. Declaravam-se “terra do seu caminho” e “escabelo de seus pés”. Era normal, também, que os governantes locais reafirmassem nas cartas sua lealdade ao faraó e o seu compromisso de proteger a cidade do rei. Pelo teor das cartas, essa ideologia egípcia era bem aceita pelos vassallos (LIVERANI, 2014, p. 38-40), ou pelo menos se fazia parecer. Portanto, ao iniciar desta forma suas correspondências, Ba’lu-UR.SAG confirmava, sem restrição, sua lealdade ao Egito.

EA 249: Ba’lu-UR.SAG, Milkilu e Lab’ayu

Na *EA 249*, Ba’lu UR.SAG informa ao faraó a respeito dos conflitos que ele está tendo com seus colegas vizinhos, Milkilu, governante de Gezer; Tagi, governante de Ginti-Kirmil; e Lab’ayu, líder da rebelião e governante de Siquém. Em relação a Milkilu, Ba’lu UR.SAG se queixa de que ele está tratando seus homens (soldados?) como se fossem seus servos. Em contrapartida, Milkilu coloca seus homens a serviço de Tagi, governante de Ginti-Kirmil (249: 4-17). O que parece evidente na denúncia de Ba’lu UR.SAG é que existe um conluio entre Milkilu, Tagi e Lab’ayu e de que ele, Ba’lu UR.SAG, está sendo assediado a se juntar a eles, inclusive, seus homens já estariam a serviço de Milkilu. E assim parece ser, pois, mais tarde, os filhos de Lab’ayu (*EA 250:11-14*) confirmam que houve um tempo em que o pai

deles tinha tomado o controle sobre Githi-Padalla (REINEY, 1968, p. 6). Diante da superioridade da coalizão siquemita, Ba'lu UR.SAG não pode fazer nada. Ele apenas espera que o rei do Egito intervenha, que faça caso da sua situação e que não ouça Milkilu e Lab'ayu: “Que a palavra do rei [venha] até mim, que [não] Milkilu [escute] e Lab'yu” (RAINEY, 2015, p. 1015).

Provavelmente a *EA 249* foi escrita quando Lab'ayu ainda estava em plena atividade, como descrevemos acima. Ou seja, quando Lab'ayu estava ameaçando tomar o fértil Vale de Jezreel, cujo controle estava em mãos egípcias desde Tutmose III (1479-1425), permanecendo inalterável desde então (NA'AMAN, 2005, p. 237; cf. Js 17,11; Jz 1,27; 1Rs 4,12). É bem provável que, quando da agressão de Lab'ayu e seus aliados, Ba'lu-UR.SAG, além de perder a cidade de Githi-Padalla (*EA 250:9-14*), também foi obrigado a ceder seus homens a Milkilu.

Nas linhas 17-20 da *EA 249*, Ba'lu-UR.SAG acusa Milkilu de estar fazendo guerra contra ele, e sugere ao faraó que pergunte a Yanhamu a fim de se informar a respeito. Quem esse Yanhamu? Infelizmente, Ba'lu-UR.SAG não dá detalhes sobre essa personagem. Contudo, ele é mencionado em várias outras cartas enviadas pelos vassalos. Por exemplo, Yanhamu aparece na *EA 270*, onde Milkilu o acusa de cobrar um tributo demasiadamente pesado e de querer prender a esposa e os filhos de Milkilu como garantia. Na *EA 271*, Milkilu precisa do testemunho de Yanhamu para confirmar o avanço dos “homens ‘apîru” em seu território. Yanhamu aparece também na *EA 256*, escrita por Mut-Ba'lu, governante de Pella, na qual ele é o destinatário. Nesta carta, Mut-Ba'lu o chama de “meu senhor”, quando diz: “A Yanhamu, meu senhor, a mensagem de Mut-Ba'lu, seu servo. Aos pés do meu senhor, eu tenho caído” (*EA 256:1-4*). Rib-Adda, governante de Byblos, parece ter grande respeito por Yanhamu. Na *EA 118:55*, ele escreve: “Não há nenhum servo como Yanhamu entre os funcionários do rei, um servo leal” (CAMBELL, 1960, p. 16). Yanhamu aparece ainda nas cartas de Shuwardata (*EA 65; 278-284; 335; 366*) e nas de Abdi-Heba, governante de Jerusalém. Estas cartas retratam, em geral, o estado caótico em que se encontra Canaã, especialmente na região montanhosa central. Portanto, tudo indica que o Yanhamu era uma figura importante em Canaã na época de Amarna. Ele era conhecido como o “comissário egípcio” (VAUX, 1975, p. 119) ou “o oficial sênior” (RAINEY, 2015, p. 20) e representava a autoridade egípcia em Canaã. De forma que ele deveria ter grande conhecimento das atividades políticas de Milkilu e Lab'ayu em Canaã. Assim se entende o porquê de Ba'lu-UR.SAG solicitar ao faraó o testemunho de Yanhamu.

Enfim, Ba'lu-UR.SAG se encontra numa situação delicada. De um lado, dominado e pressionado pela coalizão siquemita, liderada por Lab'ayu, e constantemente assolado por seu colega e vizinho Milkilu, governante de Gezer. De outro, Ba'lu-UR.SAG é cobrado pelo Egito, quanto ao seu envolvimento com a rebelião. Esta situação conflituosa e constrangedora para Ba'lu-UR.SAG é a que se encontra por trás da *EA 249* e que ajuda a compreender o contexto sócio-político pelo qual passava Canaã no período de Amarna.

EA 250: Ba'lu-UR.SAG e os filhos de Lab'ayu

Na *EA 250*, Ba'lu-UR.SAG não se refere diretamente aos feitos de Lab'ayu, mas às atividades dos filhos dele e da memória que estes fazem do pai. Esse dado é uma indicação de que a *EA 250* foi escrita depois da morte de Lab'ayu. Os objetivos da carta são claros: denunciar os filhos de Lab'ayu, que assumiram e deram continuidade ao projeto de libertação do pai.

A carta revela que a cidade de Githi-Padalla havia sido tomada por Lab'ayu, em seu intento de conquistar o Vale de Jezreel (250:9-14). Mas, após a sua morte, a cidade voltou às mãos de Ba'lu-UR.SAG, talvez apoiado pelo Egito. Esse é o motivo da instigação dos filhos de Lab'ayu: “Por que você entregou a cidade de Githi-Padalla nas mãos do rei, seu senhor, a cidade que Lab'ayu, nosso pai, tinha tomado?” (cf. RAINEY, 2015, p.1017).

A carta revela, ainda, que Lab'ayu havia conquistado as cidades de “Shunama”, “Burquna”, “Arabú” e “Gath-Rimon”. Desta última ele também teria cultivado suas terras, o que demonstra que, quando seu líder foi morto, a revolta já estava em fase de consolidação. Percebe-se nessa tomada de cidades que a estratégia de Lab'ayu era estender seu domínio territorial do planalto central até a Planície do Sharon e dali para o Vale de Dothan. Assim, ele controlaria uma boa extensão da rota comercial internacional. O Vale de Dothan era conhecido pela passagem das caravanas de Gilead para o Egito (Gn 37,25; RAINEY, 1968, p. 7-8). Foi nessa empreitada que, conforme diz a carta, Lab'ayu entrou em guerra com a terra de Gina, atual Jenin (*EA 50:15-22*), cujos habitantes são acusados pelo assassinato de Lab'ayu: “Faça guerra contra os homens da terra de Gina, porque eles mataram o nosso pai. Mas se você não fizer a guerra, nós seremos seus inimigos” (250:17-19; cf. RAINEY, 2015, p. 1017). Vimos acima que, segundo a *EA 245*, Lab'ayu teria sido morto após ser capturado por Biridiya e seus aliados, quando tentava conquistar Meguido. As duas informações podem ser verídicas, se entendermos que a “terra de Gina” é uma referência à região que fica a oeste do Nahal Quison, rio que passava não muito longe de Meguido. Ou seja, há uma boa probabilidade de que os habitantes de Gina tenham participado na captura e morte do líder rebelde em Meguido.

Diante da situação imposta pelos filhos de Lab'ayu, Ba'lu-UR.SAG teme a reação e punição do faraó. Por isso, faz questão de confessar sua lealdade: “Que o deus do rei, [m]eu senhor, me livre de fazer guerra contra o rei, meu senhor. O rei, meu senhor, a quem eu sirvo junto com os meus colegas que me obedecem” (EA 250: 48-52; cf. RAINEY, 2015, p. 1019). Mas, ao mesmo tempo, Ba'lu-UR.SAG teme a ação dos filhos de Lab'ayu. Por isso, chega a aconselhar o faraó para que “ele mande um dos oficiais sênior até Biryawaza para lhe dizer: ‘você vai marchar contra os dois filhos de Lab'ayu ou você é um traidor do rei’” (EA 250: 22-27; Cf. RAINEY, 2015, p. 1017). Quem é esse Biryawaza e por que Ba'lu.UR.SAG sugere sua ajuda?

Biryawaza, provavelmente, era o governante de Damasco (CAMPBELL, 1960, 14; NA'AMAN, 2005, p. 82-90). Apesar de ele próprio não mencionar isso, outros vassallos fazem constante menção a esse fato. Tanto que as cartas que mencionam o nome de Biryawaza cobrem quase todo o período de Amarna (NA'AMAN, 2005, p. 89-90). Conforme Na'aman, as primeiras cartas são as *EA 107* e *250*, datadas imediatamente após a morte de Lab'ayu, de Siquém; e de 'Abdi-Ashirta, de Amurru. A expedição egípcia enviada para capturar 'Abdi-Ashirta teve lugar sob Amenhotep III, como é testemunhado pelas cartas de Byblos, onde Rib-Adda lembra ao faraó Amehnhotep IV (Akenaton) a respeito da campanha contra Amurru, realizada por seu pai, Amenhotep III (EA 108:28-33; 117:24-28; 121:41-44; 131:30-34; 132:12-18; 138:28-34; 362:16-20). Biryawaza também é mencionado nas últimas cartas de El-Amarna (por exemplo, EA 53; 151; 195-197). Portanto, o governo de Biryawaza cobriu todo o reinado de Amenhotep IV e provavelmente uma parte do reinado de Amenhotep III.

De forma que tudo leva a crer que Biryawaza tenha ocupado um papel importante no norte da Transjordânia no período de Amarna. Ele, provavelmente, inspecionava, em nome da administração egípcia, além de seu próprio reino, também várias outras cidades-Estado da região. É o que se pode ver nas cartas de seis governantes, que responderam positivamente ao pedido do faraó de empregar suas tropas numa campanha egípcia na região (EA 202, de Amayashe; EA 203, de 'Abdi-Milki; EA 204, de Qanû; EA 205, de T□bu; EA 206, de Nasiba; e a EA 195, do próprio Biryawaza). Supõe-se, pelas cartas, que Biryawaza reuniu todos esses governantes das cidades-Estado da região para lhes passar as ordens recebidas do faraó (NA'AMAN, 2005, p. 82-90). É provável que logo após esse encontro, Biryawaza tenha escrito ao faraó a *EA 195*: “Agora, eu com minhas tropas e meus carros de guerra e com meus colegas (irmãos) e com meus homens 'apîru e com meus homens Sutû estou antecipando as tropas regulares para onde o rei, meu senhor, comandar” (EA 195:24-32; cf. RAINEY, 2015, p. 897).

A força militar de Biryawaza parece que também era muito reconhecida por seus colegas vassallos. É o que se pode ver nas cartas de Rib-Adda, governante de Byblos. Por exemplo, na EA 129:81-84, Rib-Adda implora para que o Egito envie a tropa militar do oficial sênior Yanhamu ou as tropas de Biryawasa para defender a sua cidade. O mesmo se pode ver nas EA 116:72-76 e 117:59-63, na qual também Rib-Adda pede o envio das tropas do poderoso governante de Damasco. Enfim, conforme as cartas, Biryawaza era um aliado valioso para o Egito manter o controle sobre Canaã.

É provável, ainda, que Biryawaza já estivesse atento à atuação rebelde dos filhos de Lab'ayu, em especial de Mut-Ba'lu, governante de Pella, uma vez que Pella não ficava muito longe do seu território. Ou seja, Mut-Ba'lu provavelmente não era só uma ameaça para o Egito, mas também para as pretensões do próprio Biryawasa. É possível que esse contexto esteja por trás da EA 256. Nesta carta, como já visto, Mut-Ba'lu se defende diante da acusação do comissário egípcio Yanhamu de que ele, Mut-Ba'lu, estivesse escondendo Ayyab, governante de Astarot procurado pelo Egito. Astarot ficava na fronteira do território de Damasco, e seu governante, Biridashwa, antecessor de Ayyab, era inimigo manifesto de Biryawasa.

Enfim, se a revolta siquemita iniciada por Lab'ayu e continuada por seus filhos triunfasse, poderia representar uma grande ameaça para Damasco. Nós não sabemos como terminou essa história, quanto tempo durou a revolta siquemita e nem até onde chegou, pois as cartas de Amarna trazem informações somente até esse período, até a morte de Amenhotp IV (Akenanton), quando a cidade de Amarna foi abandonada e, junto com ela, as cartas. É possível que a sugestão de Ba'lu.UR.SAG, para que o faraó obrigue Biryawasa a atacar os filhos de Lab'ayu (EA 250: 22-27) tenha sido atendida pelo faraó. E que Biryawasa, governante da grande Damasco, tenha obedecido e matado Mut-Ba'lu, pondo fim àquela que foi uma das maiores revoltas de Canaã.

Curiosamente, cerca de quatrocentos e cinquenta anos depois, quando Israel Norte, sob a dinastia omrida, surge como um Estado poderoso na mesma região onde se deu a revolta siquemita, o grande inimigo de Israel será Damasco. Os livros dos Reis (1Rs 16-2Reis 10) narram as constantes batalhas travadas entre os dois reinos nas disputas por territórios, principalmente na região de Gilead. Num primeiro momento (984-940), a superioridade de Israel Norte se impõe, mas, quando o rei Hazael chega ao poder, por volta de 840 a.C., os papéis se invertem e Aram-Damasco submete Israel (2Rs 9-10; Estela de Dã).

Considerações finais

O estudo das *EA 249-250* concluiu que a cidade-sede de Ba'lu-UR.SAG é Rehov, localizada na parte leste do Vale de Jezreel, fazendo divisa com a fortaleza egípcia de Betsã e com Pella, cidade de Mut-Ba'lu, um dos filhos de Lab'ayu. Portanto, uma cidade estratégica para os interesses da rebelião siquemita pela conquista do Vale. Por isso, ela foi constantemente pressionada, tanto por Lab'ayu, no início, como, mais tarde, pelos filhos de Lab'ayu.

As informações que as *EA 249-250* fornecem, mostram que as cidades-Estado de Canaã, no tempo de Amarna, estiveram em um intenso confronto militar. O enfraquecimento do controle egípcio na região permitiu a organização de uma revolta popular liderada por Lab'ayu, governante de Siquém, contra o domínio egípcio. Lab'ayu conseguiu organizar uma coalizão de cidades-Estado que foi, aos poucos, conquistando territórios até ameaçar a conquista do Vale de Jezreel, celeiro do Egito. Em contrapartida, também o Egito organizou uma coalizão, provavelmente liderada por Biridiya, governante de Meguido, que capturou e matou o líder siquemita. Quando Lab'ayu foi morto, seus filhos deram continuidade ao projeto do pai. Não se sabe como foi o fim da rebelião, quanto tempo durou e até onde chegou. É possível que, a pedido de Ba'lu-UR.SAG (*EA 250:23-27*), o Egito tenha solicitado a intervenção de Biryawaza, governante de Damasco, que, com seu poderoso exército, tenha matado Mut-Ba'lu e posto um fim àquela que possivelmente fora a maior rebelião contra o Egito em Canaã.

Referências bibliográficas

- BEN-TOR, D. (org.). *Pharaoh in Canaan: the untold story*. Jerusalém: The Israel Museum, 2016.
- CAMPBELL, E. F. The Amarna letters and the Amarna period. *The Biblical Archaeologist*, vol. 23, n. 1, p. 1-22, 1960.
- DE VAUX, R. *Historia antigua de Israel I: desde los orígenes a la entrada en Canaan*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.
- FINKELSTEIN, I. The territorial-political system of Canaan in the Late Bronze Age. *Ugarit-Forschungen* 28, p. 221-255, 1996.
- FINKELSTEIN, I.; NA'AMAN, N. Shechem of the Amarna Period and the rise of the Northern Kingdom of Israel. *Israel Exploration Journal*, vol. 55, no. 2, p. 172-193, 2005.
- FINKELSTEIN, I. The last labayu: king Saul and the expansion of the first north israelite Territorial Entity. In: AMIT, Y.; BEN ZVI, E.; FINKELSTEIN, I.; LIPSCHITS, O. (eds.). *Essays on ancient Israel in its Near Eastern context. A tribute to Nadav Na'aman*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006, p. 171-187.
- FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

- GOREN, Y.; FINKELSTEIN, I.; NA'AMAN, N. (eds.). *Inscribed in clay: provenance study of the Amarna letters and other ancient Near Eastern Texts*. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2004.
- GOREN Y.; FINKELSTEIN, I.; NA'AMAN, N. The seat of three disputed canaanite rulers according to petrographic investigation of the Amarna tablets. *Te Aviv*, n. 29, p. 221-237, 2002.
- KAEFER, J.A. As cartas de Tell El-Amarna e o contexto egípcio nos reinados de Amenhotep III e Amenhotep IV (Akenaton). *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 1, p. 121-140, 2018.
- KAEFER, J.A. A resistência política pró-Egito em Canaã no período de Amarna. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, vol. 50, n. 1, p. 93-109, 2018.
- KAEFER, J.A. *Arqueologia das terras da Bíblia II*. São Paulo: Paulus, 2016.
- LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Loyola, 2014.
- MAZAR, A. *Arqueologia na terra da Bíblia: 10000-586 a.C.* São Paulo: Paulinas, 2003.
- MAZAR, A.; PANITZ-COHEN, N. It is the land of honey: beekeeping at Tel Rehov. *Near Eastern Archaeology*, Jerusalém, vol. 70, n. 4, 2007.
- MORAN, W. L. *The Amarna Letters*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.
- MYNAROVÁ, J. A. Comment on the opening passages of the Amarna letters: its structure and its address. *Archiv orientální – Quaterly Journal of African and Asian Studies*, vol. 73, p. 397-406, 2005.
- NA'AMAN, N. *Canaan in the second millennium B.C.E: collected essays*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.
- RAINEY, A. F. Gath-Padalla. *Israel Exploration Journal*, vol. 18, n. 1, p. 1-14, 1968.
- RAINEY, A. F. *The El-Amarna correspondence: a new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Vol. 1, edição de William M. Schniedewind. Leiden: Brill, 2015.
- RAINEY, Anson F. *The El-Amarna correspondence: a new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Vol. 2, edição de Zipora Cochavi-Rainey. Leiden: Brill, 2015.

Submetido em: 28-5-2018

Aceito em: 6-6-2018